

Gisele Ambrósio Gomes

**BOJADSEN, Angel (org.). D. Leopoldina. Cartas de uma Imperatriz.
São Paulo: Estação Liberdade, 2006. 495 p.**

Mestranda em História pela
UFJF
giseleagomesjf@yahoo.
com.br

Palavras-Chave: Imperatriz Leopoldina, biografia, correspondência.

Keywords: Empress Leopoldina, biography, correspondence.

A obra D. Leopoldina, Cartas de uma Imperatriz propicia ao público leitor a oportunidade de se aprofundar na biografia de Carolina Josefa Leopoldina de Habsburgo (1797- 1826), uma mulher ilustre e intrigante que acumulou em vida os títulos de arquiduchessa do Império Austríaco e de Princesa e Imperatriz do Brasil. Nascida na corte vienense, Leopoldina atravessou o Atlântico em busca de enlaçar o seu destino ao português D. Pedro I (escolhido por seu marido devido a arranjos políticos das duas tradicionais famílias reais européias, os Habsburgo e os Bragança) e, conseqüentemente, ao do Império Brasileiro.

A intenção desse livro é dar a ver a imperatriz através de suas palavras escritas nas mais diversas fases de sua vida: da infância em Viena à juventude e falecimento no Rio de Janeiro. Para tanto, a obra reúne pela primeira vez a correspondência ativa de Leopoldina, entre os anos de 1808 a 1826, por meio de uma minuciosa pesquisa em acervos europeus e brasileiros. No total foram encontradas 850 cartas, das quais 315 foram escolhidas para serem transcritas, traduzidas e publicadas.

Essa edição é estruturada em três partes. A primeira é constituída por cinco ensaios que abarcam os aspectos contextuais e biográficos de Leopoldina. O primeiro ensaio, Tempos de reforma, tempos de revoluções, é de autoria de dois historiadores, István Jancsó e André Roberto de Arruda Machado, ambos docentes da Universidade de São Paulo.

O texto apresenta-nos a trajetória da Casa dos Bragança no complexo e caótico jogo político dos séculos XVIII e XIX. Por um lado, presenciamos a coroa portuguesa tentando manter sua estabilidade e seu poderio, sobretudo por meio de uma política externa de neutralidade, em uma Europa absolutista angustiada pelos ventos da reforma (ideário da Ilustração, independência das treze colônias inglesas da América do Norte, a Revolução Francesa, a sombria figura

Enviado em 14 de julho de 2009
e aprovado em 07 de outubro de
2009.

de Napoleão Bonaparte...). Por outro lado, temos a Família Real lusa, no desenrolar das vitórias napoleônicas, obstinada em buscar sua sobrevivência enquanto casa reinante. A partir de então são traçados em linhas gerais os momentos de sua presença e atuação na América portuguesa, um tempo de instabilidade e de profundas mudanças.

Os segundo e terceiro ensaios do volume ficaram a cargo de Bettina Kann, bibliotecária titular da Biblioteca Nacional da Áustria e professora do departamento de história da Universidade de Viena. No ensaio A Áustria e a corte de Viena (1790-1817) essa historiadora estabelece uma sucinta contextualização da Casa dos Habsbugos nos acontecimentos que estruturavam a Áustria no período da infância e adolescência de Leopoldina. O eixo do texto é construído pelos aspectos gerais tanto da política interna quanto da política externa da Áustria, sendo destacados os conflitos estabelecidos entre o império austríaco e a França.

Já no terceiro ensaio, intitulado Apontamentos sobre a infância e juventude de Leopoldina, Kann debruça-se sobre a biografia de Leopoldina do período em que esta viveu na Áustria até a sua chegada no Brasil. Sendo assim, são expostos o seu cotidiano na corte vienense, a sua educação esmerada, a sua relação com os membros de sua família, os preparativos e a realização de seu casamento com D. Pedro I, a sua viagem para o Brasil e a sua recepção pela família real lusa no Rio de Janeiro em 1817.

A historiadora Andréa Slemian, por sua vez, fomenta uma interessante discussão sobre a figura de Leopoldina no quarto ensaio, O Paradigma do dever em tempos de revolução: D. Leopoldina e o “sacrifício de ficar na América”. A autora critica as representações dicotômicas (forte/fraca, ativa /submissa...) atribuídas à Imperatriz pelos seus biógrafos ao considerá-la nas esferas pública e privada de forma desassociada. Em contraposição, ela estabelece, em suas palavras, o “retrato de corpo inteiro” de Leopoldina a partir da síntese de sua experiência na integração dessas duas esferas. A porção “mulher” e a porção “princesa” em seus nexos formam a existência dessa personagem: integrada aos ditames da perpetuação das linhagens dinásticas européias ela assumia para si o “paradigma do dever” que deveria nortear a vida das inúmeras jovens pertencentes às tradicionais casas dinásticas, ou seja, atuar plenamente, pautadas na idéia de “sacrifício”, para o bem da família, da pátria e dos súditos. Segundo a autora, é por esse viés que devemos analisar a trajetória de Leopoldina em suas relações com a corte portuguesa e em sua atuação como articuladora política no processo de construção do Império do Brasil.

Por último temos o texto Leopoldina, ensaio para um perfil da doutora em psicanálise Maria Rita Kehl. Ela assume a tarefa no livro de traçar o perfil psicológico da Imperatriz através dos vestígios de sua subjetividade encontrados em sua correspondência. O estudo torna-se profícuo uma vez que ao ler as cartas fica nítida a evolução da personalidade de Leopoldina diante dos fatos que se desenhavam a sua frente. Através da análise do conteúdo e do estilo das cartas, a autora revela-nos uma Leopoldina que sustenta persistentemente uma postura infantil marcada por carências, ingenuidades, e dependências. Tal “menina”, ao se confrontar com o desconhecido e com as agruras da América Portuguesa, transforma-se e cede lugar para uma mulher adulta, madura e consciente da significância de seus deveres, atos e opiniões.

Na segunda parte do livro temos um caderno ilustrado constituído a partir de acervos artísticos referente à época vivenciada por Leopoldina, encontrados em arquivos brasileiros e austríacos. Nesse momento podemos nos enveredar pelos caminhos

das imagens representadas, entre outros, pelas obras de Debret, Taunay, Thomas Ender, Simplício de Sá, Franz Frubeck e até mesmo pelos desenhos feitos pela própria imperatriz. Somos agraciados também com fac-símiles de algumas cartas leopoldinenses, o que nos aproxima das características específicas de sua escrita.

Já a terceira parte privilegia o cerne da obra: as cartas propriamente ditas. A exposição da correspondência é estruturada por ordem cronológica, favorecendo, na visão dos elaboradores do volume, a compreensão da evolução dessa mulher, ou seja, a construção de seu sujeito, de sua personalidade, de sua subjetividade. Em nossa opinião, as cartas nesse sentido tornam-se um instrumento de pesquisa essencial que permite analisar, a partir de uma leitura arguta, como o sujeito interage com seu contexto, como a relação entre ambos os afeta, os molda. O livro, portanto, favorece o decifrar do “pessoal” e do “histórico” em suas interações e tensões.

A apresentação das cartas, respeitando a ordem cronológica, é dividida em três momentos que demarcam, de certa forma, a trajetória de vida da Imperatriz. No primeiro momento temos as “Cartas Austríacas” que abrangem o período de 1808 a 1817, fase da infância e da adolescência da arquiduchessa. Em seguida temos as “Cartas da travessia” que compreendem o período de sua viagem no ano de 1817 para o Brasil. Por fim são apresentadas as “Cartas Brasileiras” referentes à sua vida em nosso território: de sua chegada em 1817 até seu falecimento no ano de 1826. Os seus destinatários são múltiplos: seu pai Francisco I, sua irmã Maria Luísa, D. João VI, Carlota Joaquina, José Bonifácio, Marquês de Marialva, Rodrigo Navarro de Andrade e D. Pedro I.

Nas últimas páginas do livro encontramos ainda um espaço dedicado aos anexos, subdividido em cinco itens que colaboraram com a sistematização das informações pessoais de Leopoldina, de sua correspondência e de sua época, a saber: um glossário de nomes próprios; a árvore genealógica da Imperatriz e D. Pedro I; uma cronologia de eventos ocorridos nos espaços europeu e americano; o registro das cartas e um índice onomástico.

Indiscutivelmente, a obra em seu todo é passível de agradar tanto o público leigo quanto o público especializado. Em relação ao primeiro, oferece o esquadrinhamento da intimidade da Família Imperial brasileira e o contato com textos acadêmicos que trazem uma reflexão e problematização do destino individual de Leopoldina e a sua relação com o contexto de formação da nação brasileira. Quanto aos especialistas, sobretudo os historiadores, oferece uma base documental importante para futuras pesquisas e um momento de ponderações pessoais sobre as potencialidades da biografia e da escrita auto-referencial nas análises das ciências sociais em geral.